

PRUDENTE, Hugo. 2019. Potuwa pora kõi: o que se guarda no potuwa. Coleção Saberes Zo'é. São Paulo/Brasília: Iepé e FPEC/Funai.

Miguel Aparicio

Doutor em Antropologia Social e Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará

[mgl.aparicio@gmail.com](mailto:mgl.aparicio@gmail.com)

### **Cestos para fazer flechas, flechas para andar no mundo**

Em 2016, o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé e a equipe da Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema (FPEC) da Funai iniciaram junto aos Zo'é o processo de construção de seu Plano de Gestão Territorial e Ambiental, seguindo uma trajetória que tem como marca o protagonismo dos conhecedores indígenas. Os Zo'é são falantes de uma língua tupi-guarani ainda pouco conhecida e habitam as florestas localizadas entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do Pará. Em novembro de 2019, pactuaram seu Plano de Gestão e traçaram os rumos para defender a integridade de sua terra. Nesse documento, os Zo'é declararam: “queremos que nossos filhos sigam ocupando vastamente o nosso território”; e afirmaram o processo de dispersão de aldeias como uma das suas escolhas mais firmes no momento atual. Este livro nasceu dentro do marco desse processo de colaborações e, através de uma descrição encantadora das flechas e do cesto *potuwa* que guarda os utensílios para a sua confecção, expressa a vitalidade de relações do povo Zo'é, cujo estilo de vida sempre esteve marcado por uma intensa mobilidade. Poderíamos afirmar que é um livro sobre o movimento das flechas, ou sobre como elas movimentam a vida dos Zo'é.

Se a etnografia consiste em um exercício cuidadoso de atenção pelos detalhes – uma espécie de acompanhamento da minuciosidade do olhar indígena sobre o mundo –, o leitor poderá ter acesso, com a leitura do livro, a uma autêntica experiência de etnografia junto aos Zo'é, deixando-se levar pelas histórias que emergem dos utensílios do cesto *potuwa* e seguindo o itinerário traçado pelas flechas zo'é. O seu voo, simultaneamente descritivo e narrativo, inicia com a peculiaridade surpreendente das penas negras de mutuns e urubus-reis, as preferidas na confecção das flechas. Descobriremos como elas são diferentes como os dedos da mão, com um nome específico que as distingue das outras em função da sua posição na asa: cada uma com sua firmeza, com um formato que a torna mais ou menos idônea na sua combinação com outras penas. Na extremidade da flecha já está inscrita a arte da diferença, pois é preferido combinar pares de penas diversas – uma de mutum, outra de urubu-rei – em uma torção helicoidal que facilita seu impulso. As flechas bem feitas “giram bem, seguem bem, soam bem”. O som, a forma e o movimento aparecem condensados com habilidade sinestésica no artefato que a flecha é.

As flechas, lançadas sobre as presas na floresta, impulsionam também a vida das pessoas. À procura das penas, os Zo'é tecem sua rede de caminhos, organizam seus intercâmbios e transitam reocupando territórios antigos. As velhas trilhas possibilitam novas retomadas, e fazem com que casas e aldeias se multipliquem – pouco mais de trezentas pessoas habitam em mais de quarenta aldeias, em um processo constante de dispersão e impermanência. Para a elaboração das flechas, os Zo'é saem à procura das moradas de mutuns, urubus-reis, macacos-coatás e tucanos, visitam flechais que se espalham sobre roças antigas e reconhecem velhas casas com seus pés de cuia ou de inajá, cheios de frutos. As canas-de-flecha são, com efeito, cultivadas: nestas paisagens em movimento, roças velhas se transformam em flechais. Quando as aldeias são abandonadas, as plantas de flecheira se tornam dominantes nessa paisagem e se espalham com vigor: como dizem os Zo'é, “a flecha anda muito e come a mandioca”. Por isso, visitar um flechal para fazer flechas novas é, ao mesmo tempo, visitar um lugar onde houve aldeias velhas.

Os Zo'é, como todos os povos nas terras baixas sul-americanas, são avessos à homogeneidade. Há, por isso, múltiplas flechas, com usos diferentes, nomes diferentes, pontas diferentes. A flecha mais relevante é de ponta de taboca, utilizada para a captura da maioria dos animais. A taboca, uma espécie de bambu amazônico, é coletada na floresta e, como a cana-de-flecha, também promove a circulação entre pessoas, casas, aldeias, que trocam tabocas por carne de macacos, peixes moqueados ou canas-de-flecha, seguindo os caminhos de caçadas, pescarias ou coletas. O repertório se expande a outros tipos de flecha, pois a floresta exige operações de captura heterogêneas. Assim, estão as flechas de

soco, preferidas pelos meninos no seu aprendizado como caçadores. As flechas assusta-macaco – ou assusta-tucano – têm uma semente que ressoa como apito e, imitando o assovio do gavião, facilita a captura de macacos-coatás ou tucanos escondidos no dossel da floresta. Nas pescarias de timbó, zagaias de pontas em tridente permitem a obtenção de peixes maiores nos igarapés. Para os urubus-reis, que se encontram entre as presas mais difíceis, é confeccionada a flecha farpada, “uma flecha para fazer mais flechas”. E, finalmente, flechas-arpão agem como armadilhas sagazes para capturar pacas e cutias, espreitadas nas tocaias diurnas ou nos mutás noturnos. A diversidade de flechas segue as rotas que conduzem aos lugares habitados pelos diferentes animais que transitam na floresta.

Assim como as flechas, a “pele” deste livro está marcada em profusão pelos padrões gráficos dos Zo’é. Jenipapo e carvão enfeitam os corpos das pessoas e os corpos das flechas, no traço minucioso das mãos das mulheres. Também os desenhos surgem em movimento, quando o pincel desliza sobre a flecha que gira lentamente, deixando-se impregnar pela tinta conduzida pelo tato da artista. Grafismos “picotados”, de “escrita propriamente dita”, “retorcidos”, “crespos” ou de “face de arara-canindé” foram levados das flechas ao papel, ocupando belamente as páginas centrais do livro.

É necessário dar destaque à harmonia do arranjo e da polifonia de vozes que confluem nesta publicação. O texto de Hugo Prudente, com a necessária lentidão da etnografia, se deixa conduzir pelas histórias zo’é, como se, junto às descrições, estivéssemos ouvindo o tempo todo relatos de caça, de coleta de penas, de visitas a aldeias: trata-se de uma espécie de escrita companheira. A arte de Kubi’euhu, Pane, Wo’í e Ke’i apo dialoga de forma criativa com o cuidadoso projeto gráfico de Dani Eizirik. E as fotografias de Leonardo Viana Braga e, de novo, Hugo Prudente e Dani Eizirik, não ilustram simplesmente o texto, mas acompanham os caminhos que conduzem o leitor aos cenários de fabricação dessas flechas, mostrando também os rostos concentrados dos caçadores zo’é. O livro é, no sentido mais imediato e direto da palavra, um livro bonito.

\*\*\*

Em um instigante ensaio de 1986, a escritora norte-americana Ursula K. Le Guin propõe uma sugestiva “teoria da ficção como sacola”. Repensando as trajetórias dos primeiros humanos, ela se afasta do ideal exaltado do caçador primitivo, portador habilidoso de armas mortíferas com as quais abate animais prodigiosos. Para a autora, a atividade da caça, em lugar de apontar uma suposta posição heroica e aguerrida dos humanos, possibilitou um espaço amplo para a invenção das histórias. Os caçadores,

junto com os animais que eles rastreiam, trazem histórias cotidianas que são contadas nos terreiros e nas casas, e que transitam em circuitos de imaginações e intercâmbios constantes. A vida humana, mais do que atravessada por lanças ou flechas, é carregada em cestos, paneiros, jamaxins que levam e trazem frutas, sementes, raízes, crianças, artefatos; recipientes com dádivas que circulam entre lugares, pessoas, aldeias. Cestos acolhedores contrapostos ao perigo das flechas – e embaralhando os contrastes, como mostram Chachubutawachugi ou Krembegi nas páginas memoráveis sobre os Guayaki em “O arco e o cesto”, de Pierre Castres (1974): o artefato companheiro não é a flecha, é o cesto. “A última coisa que o herói quer saber é que suas armas e suas belas palavras serão inúteis sem uma sacola, um recipiente, uma rede” (Haraway 2016: 118). Os cestos carregam dentro de si as narrativas, são os recipientes das ideias e ficções que inspiram a vida coletiva.

Uma folha uma cabaça uma concha uma rede uma bolsa uma tipoia um saco uma garrafa uma panela uma caixa um invólucro. Uma vasilha. Um recipiente. O primeiro dispositivo cultural foi provavelmente um recipiente (Le Guin 1989: 206).

É por isso que um olhar minucioso sobre as flechas zo'é precisa dirigir-se ao *potuwa* como ponto de partida, ao estojo de arumã trançado pelas mulheres que guarda linhas, penas, cordas, pontas, resinas, fibras, cascas, ferramentas que colaboram com as mãos humanas no feitiço da flecha. As flechas não estão somente em meio ao drama que enfrenta presas e predadores: elas apontam trajetórias que conectam macacos-coatás, tucanos, capoeiras, aldeias e “nós mesmo”, Zo'é. Conhecer as flechas é, de forma imprescindível, conhecer os fluxos narrativos das memórias e ideias que elas inspiram.

Nas florestas do vale do rio Purus, longe das terras zo'é, os Suruwaha contam que as cobras surgiram a partir das flechas de um xamã, que preparava o curare e besuntava com ele as pontas de suas flechas. Quando ele ia caçar, os animais não morriam porque a força do veneno tinha sido levada pelas cobras. Então teceu um cesto e guardou dentro nele as serpentes venenosas que colocavam em perigo a vida de seus parentes e provocavam seu fracasso nas caçadas. Na maloca havia uma fogueira, e o dono das flechas disse à sua filha: “Queima o cesto que contém as cobras”. Ela o jogou, mas o cestinho caiu à beira do fogo e não queimou. Ao virar no chão, as cobras, aranhas, escorpiões e tocandiras saíram do interior do cesto e se espalharam pela floresta. Por isso agora, quando as pessoas vão caminhar na mata ou queimar as roças novas, recebem varadas de flecha no corpo e ficam dessa forma protegidas do veneno das serpentes. Também ali, assim como nos Zo'é, as

histórias sobre as flechas estão guardadas dentro de um cesto, um *potuwa*.

Este livro é a primeira publicação da série “Saberes Zo’é” e, ao mesmo tempo que dissemina o conhecimento sobre este povo, vai contribuir na consolidação do Fundo de Artesanato Zo’é. A boa notícia, que Dominique Gallois e Fábio Ribeiro anunciam no prefácio, é que virão novos volumes dedicados a temas como o cultivo nas roças, a construção das casas, o preparo dos alimentos e a fabricação de artefatos: novos livros-recipientes de histórias vividas por este povo, especialista em itinerâncias.

### Referências

CLASTRES, Pierre. 1974. “L’arc et le panier”. In: \_\_\_\_\_. *La Société contre l’État*. Recherches d’anthropologie politique. Paris: Les Éditions de Minuit.

HARAWAY, Donna J. 2016. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham/London: Duke University Press.

IEPÉ & FPEC/FUNAI. 2019. “Jo’e bokitute ram: Planejando como vamos continuar vivendo bem no futuro.” *Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Zo’é*. São Paulo: Iepé.

LE GUIN, Ursula K. 1989. “The Carrier Bag Theory of Fiction”. In: \_\_\_\_\_. *Dancing at the Edge of the World. Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press.

Recebido em 15 de junho de 2020.

Aceito em 30 de julho de 2020.